



PAULISTA



CANTINHO DA RECORDAÇÃO



Ao alto um flagrante histórico: quando o então presidente da República Brasileira, dr. Getúlio Dornelles Vargas, homenageava o destacado atleta do futebol pátrio, Ademir de Menezes, pela sua brilhante conduta na equipe nacional.

PAULISTÃO

São Paulo — Ano 1 — N° 10 — 1980

Publicação do São Paulo Futebol Clube

Certificado de Autorização n. 01.00.011.79

Secretaria da Receita Federal

Processo do Ministério da Fazenda

n. 0168-51.372/79

DIRETOR RESPONSÁVEL

WALTER LACERDA

COLABORADORES

Oscar Hamleto Meliante

Oswaldo Bentini

Severino Pereira Junior

Mário Andrade

Levi Silva

Mariovaldo Souza Mineiro

REDAÇÃO

Prça Roberto Gomes Pedrosa 8 - Morumbi - São Paulo



Três craques que fizeram história no futebol brasileiro: Carlos Alberto Torres, ainda hoje jogando no Cosmos e o último que a Taça «Jules Rimet», para o Brasil; «Marinho» Garrincha e Hilderaldo Luis Bellini, o primeiro a erguer o troféu mundial para o Brasil, em gramados da Suécia.

GETÚLIO: A MELHOR FASE E UM SONHO, A ESPANHA!

Quando o São Paulo FC foi buscar Getúlio, lá no Atlético Mineiro não faltou quem dissesse que o tricolor estava realizando um péssimo negócio, pois o extraordinário e excelente valor do «Galo» estava «chumbado». Isso porque Getúlio tinha se submetido a uma intervenção cirúrgica e ainda não se havia recuperado inteiramente. Não faltaram, portanto, as más línguas para apregoarem aos quatro cantos que Getúlio não reunia condições de defender o «Mais Querido». Um prenúncio que assustou muita gente quando Getúlio ficou contundido por um período e sua recuperação estava se processando de maneira lenta. Daí o fato de haver ficado algum tempo sem servir o São Paulo, como ele pretendia.

O tempo passou e muita coisa mudou para Getúlio, hoje um craque em pleno vigor físico, com 26 anos de idade, muita esperança e futebol pela frente. Sabe, perfeitamente, que não pode ficar «parado» pois sendo um valor propenso a engordar bastante, isso apenas arruinaria a sua própria condição física. Getúlio, mesmo quando ficou sem contrato com o São Paulo, só deixou de jogar em uma oportunidade. De resto ele manteve seu treinamento sério e em dia, pois sabia que com a formação da seleção brasileira, se ele ficasse afastado, deixando de render o que pode e sabe para o time, poderia também ficar de fora da própria convocação dos elementos da Seleção Brasileira.

— Sabe, eu tinha que lutar, antes de mais nada por um bom contrato. Primeiro porque pretendia ter minha casa própria lá em Belo Horizonte, para onde um dia voltarei. Não que esteja mal ou não goste de São Paulo. Acontece que, em virtude das circunstâncias, alguns contratos que realizei em minha carreira não permitiram que pudesse respirar de maneira aliviada. Havia sempre um contratempo qualquer para arruinar minha pretensão financeira. Contusão, excesso de peso, enfim uma série de circunstâncias que sempre impediram uma «boa pedida» de minha parte para alcançar um bom contrato. Não foi, contudo, o que aconteceu nesta última vez no São Paulo.

— Devo confessar, sem falsa modéstia, que este final de contrato com o São Paulo me apanhou em plena forma, física e técnica. Na primeira confesso que foi preciso uma grande dose de boa vontade. Isso porque por maior que fosse o meu desejo de colaborar com o médico, quando subia à balança chegava até a sentir um certo desânimo. Submeti-me, contudo, a um regime dos mais intensos e cheguei ao peso certo. Não é preciso dizer que passei a correr com maior desenvoltura o campo de jogo. Ao final de cada jogo não sentia minhas pernas pesarem «com quilos» cada uma e, nem tampouco, falta de ar para poder falar. Era de novo um garoto «novinho» em folha.

«Corrigindo esse «pequeno detalhe» da parte física, a parte técnica, conforme todos puderam observar, tinha que melhorar como de fato melhorou bastante. Resultado: o técnico Telê Santana acabou em convidando para a Seleção Brasileira e tive a sorte de, em duas partidas seguidas, ganhar novamente as principais manchetes de jornais. Não só de São Paulo, mas de todo o Brasil. A primeira foi quando na defesa da Seleção do Brasil, tive a sorte de fazer o único tento brasileiro, contra a equipe do Uruguai, garantindo uma grande vitória para o futebol nacional. Confesso, na verdade que fiquei bastante emocionado com aquele triunfo pois abater os uruguayos, com um gol meu, foi uma grande alegria.

— Logo em seguida — prosseguiu Getúlio — tivemos uma partida importante dentro do Campeonato Paulista. O São Paulo teria pela frente um adversário que sempre lhe deu grande trabalho. Era Portuguesa de Desportos que este ano cumpre uma campanha brilhante. O jogo estava ali «pau-a-pau» e Waldir Peres, juntamente com o Moacir, tinha tido oportunidade de realizar algumas defesas de vulto. Foi quando houve uma falta na intermediária. Havia treinado bastante durante a semana e sempre com a colaboração de Waldir Peres, achando que batendo daquela distância tinha que tentar o chão antes da bola atingir a meta. Moacir foi traído pelo chute e o São Paulo conseguiu um grande feito.

E a briga pelo contrato?

— «Briga» no bom sentido, certo? Foi ao fato que me referi mais atrás. Tinha que aproveitar duas coisas: minha boa forma, que nem sempre acontece a um atleta em final de contrato e a possibilidade de comprar minha



casa em Belo Horizonte. Fazendo este acerto, com o São Paulo pode então passar a respirar mais tranqüilo e a pensar no próprio campeonato paulista e, igualmente, na seleção brasileira.

Como está achando a Seleção?

— Acho que está faltando apenas uma coisa: um conhecer o outro lá dentro do campo. Pelo meu setor, por exemplo, não encontrei maiores dificuldades pois estou com o Oscar realizando um cobertura quando avanço e posso me entender bem com o Renato, Zico ou mesmo o Tita. O resto do time, contudo, precisa «se conhecer» lá dentro. Isso somente será possível por ocasião dos preparativos para o «Mundialito». Aí sim os atletas terão tempo de treinar e desenvolver um pouco mais as suas atividades. Por enquanto isso não tem sido possível, em termos de seleção, por duas razões: não há tempos disponível para isso. Explico melhor. Os atletas são convocados e se apresentam quase às vésperas dos jogos. O preparador só pode realizar um treino. Além do mais alguns elementos se apresentam esgotados em virtude das campanhas de seus clubes.

Salientou, ainda, Getúlio:

— Não há, portanto, oportunidade para que o atleta possa treinar de maneira forte e efetiva, nem permite ao técnico fazer profundas observações. Acho que o «seu» Telê conseguiu, antes de mais nada, reunir o grupo de trabalho e, a esta altura dos conhecimentos, depois da série de amistosos feitos pela equipe brasileira, ele já tem a seleção basicamente montada, restando fazer apenas alguns acertos nesta ou naquela posição. De resto, porém, o time está andando e apto a cumprir um bom trabalho no «Mundialito» ou mesmo nas eliminatórias. Tenho a impressão, ainda, que nas partidas que iremos sustentar, de forma alguma a seleção irá decepcionar ao seu grande público.

E o que pretende mais?

— Antes de mais nada penso no «Mundialito». Não devemos, ainda, subestimar o futebol boliviano. Muita gente acha fácil jogar «lá junto a Deus», mas na verdade o compromisso é difícil. Quando o «gás» começa a faltar aí os «inimigos» estão correndo uma barbaridade. É duro o drama. Depois, acho que passando as eliminatórias, podemos pensar de maneira alta no Mundial da Espanha. E este será o grande passo. Será minha última chance de ser campeão do mundo. E tudo farei para chegar até lá.

Telê Santana é o técnico da Seleção Brasileira. Getúlio admite que o técnico tem condições de formar um excelente grupo. Não só para o «Mundialito» como também para os jogos eliminatórios da Copa do Mundo ➔



TELÊ: ERROS TAMBÉM AJUDAM



Amaral é um zagueiro que não sabe «morder» o inimigo. Apenas «apalpa». Tem medo, inclusive, de sair jogando, quando tem um enorme espaço de terreno à sua frente

Enquanto a Seleção de Juniors tornou-se campeã do torneio de Toulon, na França, a equipe nacional, sob a batuta de Telê Santana, não conseguiu luzir, como a torcida esperava, na série de compromissos internacionais durante o último mês de junho. Na verdade alguns erros foram observados e registrados. Por outro lado, saltou aos olhos da torcida, a fragilidade — em termos de seleção — de alguns astros do futebol brasileiro. Não se chegou a compreender, igualmente, o «trabalho iniciado», visando a Copa da Espanha em 1982, quando se observa profunda controvérsia, em planos de «futuro» e situação de «presente».

A começar pela meta, por exemplo, o treinador Telê Santana disse que não pretendia convocar Leão, um veterano pois já conhece de sobejo as qualidades do conhecido guarda-valas e chama, para a posição, Raul, do Flamengo, com 34 anos de idade e que na Copa da Espanha, se conseguirmos superar a fase eliminatória, estará beirando os 37... Acreditava-se, quando Telê deixou Leão de lado, que Carlos, guardião da Ponte Preta, tivesse a sonhada oportunidade na Seleção ou que João Leite viesse a ser um dos convocados. Por motivos perfeitamente compreensíveis, Carlos, desde a época de Claudio Coutinho vinha sendo o «segundo homem» na posição e, pelo menos «estabilidade» no banco ele já adquirira. Um homem de excelente porte fisi-

co, atravessando uma fase ruim em junho, sem dúvida, mas que no certame mundial a ser efetuado na Espanha estaria na idade chamada «ideal» para defender a meta da seleção. Quanto a João Leite, nem foi lembrado para a convocação, embora atravessasse, naquela oportunidade, a sua melhor fase, para não se falar de Gasperin, do Internacional, de Porto Alegre, cada vez ganhando mais a confiança do público esportivo brasileiro.

Conseqüentemente, Telê começou «claudicando» um pouco no tocante à meta da equipe nacional. Ressaltamos que, pelo menos, os amistosos tiveram o «condão» de mostrar quem é bom e quem não serve. Duas figuras, de destaque do time do Corinthians — Amaral e Sócrates — também demonstraram que não são valores capazes de serem úteis à Seleção. Aliás, quando o Brasil iniciou o movimento «revolucionário» no futebol pátrio em 1958, o sr. Paulo Machado de Carvalho, que estaria à testa da chefia da equipe brasileira disse de saída:

— Não quero «artistas» nem «vedetes» ou «estrelismo» na Seleção Brasileira. Quero ver homens que suem a camisa, que não fiquem com «amarelão» na hora de enfrentar um suposto adversário mais poderoso e que saibam ser valentes dentro do campo.

Exatamente por esse motivo, as convocações de Bellini, Orlando Hoçanha e até mesmo Didi, que perdia em popularidade para Luizinho, do Corinthians, na época um famoso e extraordinário jogador, foram sempre torpedeadas por uma grande parte da

imprensa esportiva brasileira. Só se convenceram da capacidade da equipe, quando ela voltou campeã.

Posteriormente o time brasileiro acabou chegando à consagração somente em 70, após um rotundo fracasso na Copa de 66, em gramados da Inglaterra. Tentamos, de maneira inútil em 1974 e em 1978, embora nesta última disputa o onze «canarinho» tenha retornado invicto e o técnico Claudio Coutinho tenha galardoado o onze brasileiro com o título de «Campeão Moral», o «caneco» ficou em poder dos argentinos. Isso porque os erros foram corrigidos de maneira frágil durante a disputa do certame em terras argentinas.

Agora, com a nova mentalidade da Confederação Brasileira de Futebol, recolhendo-se o técnico que ganhou a «preferência nacional», pois Telê foi bem recebido por gaúchos, mineiros, paulistas e cariocas, a verdade é que os erros observados no time nacional, exigem, nas futuras convocações, alterações profundas na equipe.

Amaral, por exemplo, mostrou ser um zagueiro que não sabe «morder» ou «agredir» o adversário. Aceita uma finta com enorme facilidade e se planta lá atrás, para ser o homem de «última instância»... Não sai cinco centímetros do chão e no «mano-a-mano» sempre leva a pior. É verdade que temos Mauro Pastor, Luizinho, Edinho que ganhou uma projeção extraordinária e, até mesmo Mauro Galvão. Amaral, entretanto, é dose pra Leão. Ninguém agüenta.

Sócrates é outro. É um gênio. Todavia, não



Raul, quando era bem mais jovem defendeu a equipe do Brasil e fez com que o Brasil perdesse um Campeonato Sul-Americano. Agora (cinco anos depois), não pode surgir como «salvador» da meta nacional



Carlos era suplente de Leão. Todos acreditavam que na seleção convocada por Telê ele seria o titular. O técnico brasileiro, todavia, preferiu dar a camisa a Raul, um atleta com 34 anos de idade e que já fracassou na defesa da seleção nacional.

possui espírito de luta, não vibra e mostrou ser um jogador apático, que «joga bonitinho», nada mais do que isto. Aliás, faz lembrar a peça do Nelson Rodrigues: «Bonitinho... mas ordinário». Isto é: joga de «taquito», sabe passar, mas na hora de botar a canela para intimidar o inimigo, ele «corre» para chegar depois...

Com Toninho Cerezo ocorre a mesma coisa. O homem é inteiramente nulo. Corre, corre, prende muito a bola e não consegue realizar nada de extraordinário. Zé Sérgio, também, é um bom ponta. Mas, no São Paulo. Na Seleção falta-lhe o «algo mais» que Eder possui de sobra mas que não chega a mostrar no time brasileiro. Só no atlético...

O que dizer de um técnico que procura jogar sem «ponta»? Um fracasso, sem dúvida. Aliás, tiraram Brandão da equipe nacional exatamente pela falta de confiança em escalar um elemento para a posição. Só que o drama de Brandão era pela esquerda. O de Telê é pela direita. Não sabemos porque não convocou Tita que, pelo menos, tem «cacoete» de ponta, já que Tarciso, do Grêmio, não conseguiu nem calçar direito as chuteiras...

Conseqüentemente, acreditamos que para alguma coisa, pelo menos, os erros verificados na equipe brasileira em junho, notadamente contra a representação da União Soviética, podem ser corrigidos. Mas devem ser convocados valores em condições de melho-



Sócrates: muita fama e pouco futebol. Falta-lhe garra e espírito de luta para defender a camisa da equipe brasileira.

rar a produção e não piorar o rendimento daqueles que lá estiveram.

Até mesmo Serginho, centro-avante do São Paulo, cuja virtude maior é o seu potente arremate de esquerda, não nos parece um elemento indicado para o comando do ataque nacional. Falta-lhe atributos para «brigar» na área adversária. Não por não ser um valor valente, ou não se faça respeitar. Pura e simplesmente por um fato simples: ser valente não é tentar atingir mal-dosa e intencionalmente o adversário. E não fugir «do pau» e da marcação imposta.

Vemos, portanto, que muita coisa precisa ser corrigida na equipe brasileira se pretendermos ver o quadro brilhar no torneio a ser disputado em gramados do Uruguai, no fim deste ano e começo do outro e, ainda, formar um time capaz de superar a Bolívia e Venezuela embora, como dizem os torcedores, os oponentes sejam «galinhas mortas». Os erros observados, serviram sem dúvida, para muita coisa.

Telê, inegavelmente um homem inteligente e capaz, deve ter o senso necessário de tirar quem não serviu para não incorrer no mesmo erro de Zagalo que, na Copa de 74, insistiu e caiu com Jairzinho e Paulo «Caju». Só depois de perdida a Copa, quatro anos depois, teve a coragem de dizer que errou quando insistiu com aqueles dois elementos.

Oxalá Telê não insista e não venha depois do fracasso, dizer que er-

rou. Depois, lembrando Camões, «Inês é morta».

E Telê Sant'ana o que pensa de tudo? Como viu o comportamento da Seleção Brasileira? Como aceitou as críticas? O que está pensando em termos de futuro?

— Confesso que gostei. Prefiro mais ver um time «desarrumado» ou falho em alguns setores, para que os erros possam ser corrigidos, do que ver um time envolvente, passando com facilidade pelos adversários e dando a impressão que tudo está no «caminho certo». Lembro, muito bem o que sempre disse o meu velho e grande mestre, Zezé Moreira: aprende-se mais nas derrotas do que nas vitórias».

— Embora não possa sair alardeando quais os planos ou o que pretendo fazer em termos de Seleção Brasileira, posso apenas dizer uma coisa: tudo o que foi visto de errado pelo público, pela crônica, também foi observado por mim. Se não entendesse minha profissão, acho que nem estaria no posto que estou.

— Surgiram, na verdade, alguns contratempores quando da convocação de jogadores, pois Zico e Júnior, os dois valores do Flamengo, tinham de estar presentes nos compromissos anteriormente assumidos pelo clube campeão do Brasil na Europa. Depois o «drama» do Internacional, disputando a «Taça Libertadores», junto com o campeonato brasileiro. Batista depois de uma partida difícil em campo pesado e duro, veio enfrentar um



Cerezo: muita correria e pouco futebol. Não tem condições de ser titular na posição do Brasil. Poderia deslanchar para a frente se tivesse um Chicão atrás de si, ou, então, Batista no melhor de sua forma.

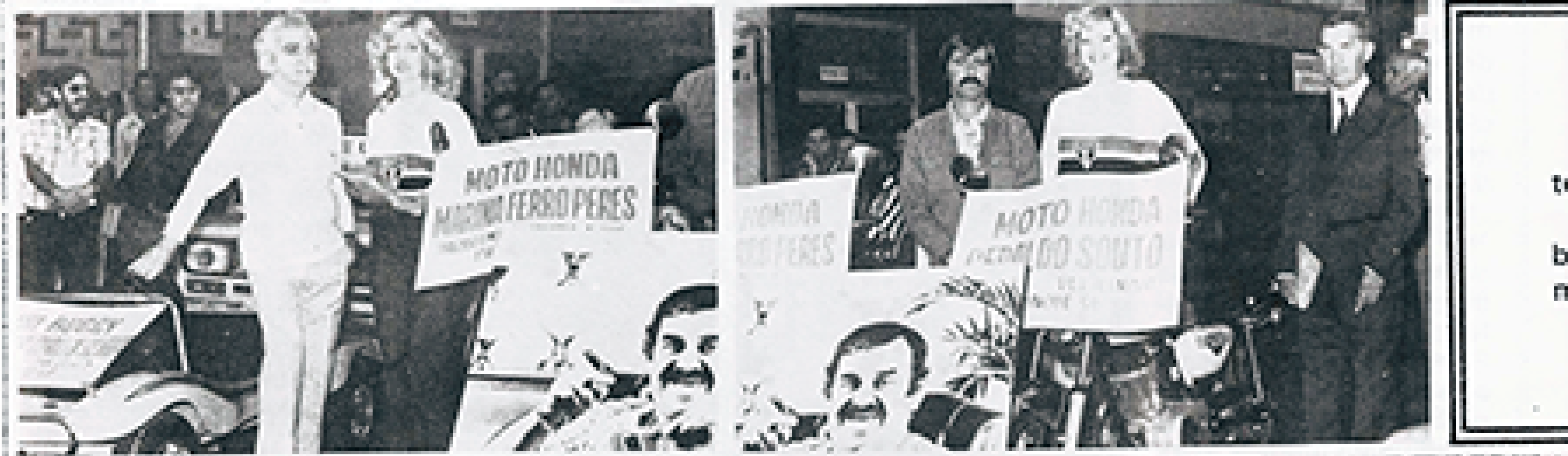
quadro rápido e valente como foi o caso da União Soviética. Não poderia, confesso de maneira franca, ter apresentado um rendimento superior àquele observado na peleja. Suas pernas acusavam o desgaste, a viagem e no segundo tempo, quando podíamos partir para cima dos soviéticos, o quadro estava capenga.

— De qualquer maneira, porém, os resultados, numa série de jogos preparatórios foram muito bons. Olhei mais para o poder do adversário do que pela capacidade dos nossos. Vi onde uns podem chegar e onde outros podem ir. Portanto, como teremos ainda alguns encontros amistosos de importância pela frente, antes de chegarmos ao «Mundialito», acreditamos que o quadro do Brasil estará apresentando muito mais daquilo que o fez nos amistosos levados a efeito em Junho.

Depois Telê concluiu dizendo:

— Não pode ser esquecido, igualmente, um detalhe dos mais importantes. Há alguns anos o Brasil estava inteiramente afastado das competições amistosas internacionais, contra os melhores quadros do Mundo. Com a intensificação desse intercâmbio e podendo ver ainda o comportamento de alguns jogadores, posso concluir de maneira convicta de que os erros também ajudam a consertar uma equipe. Os próximos compromissos internacionais da Seleção Brasileira servirão para mostrar tudo o que estou dizendo neste instante.

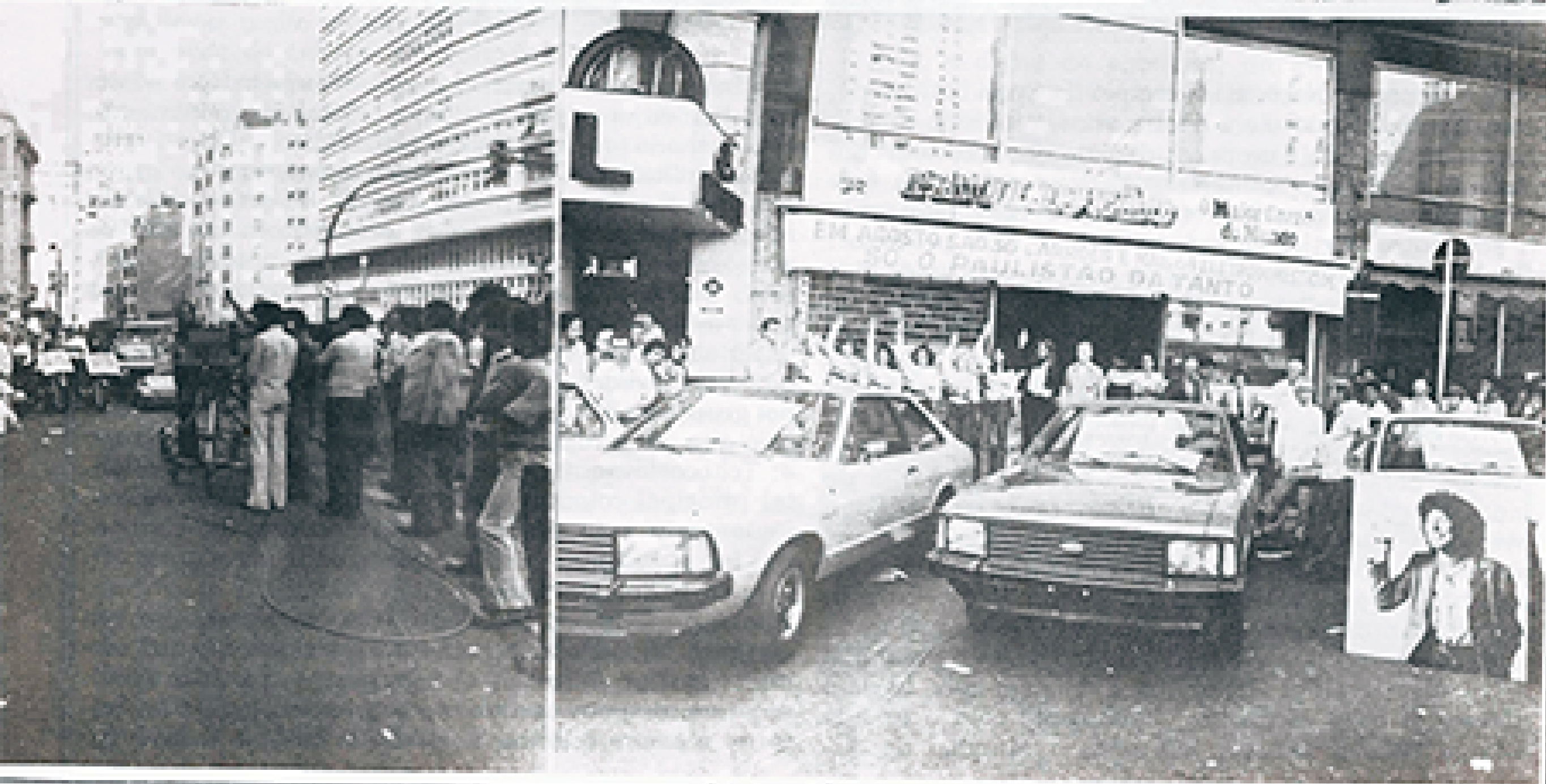
PAULISTÃO UM FESTIVAL DE



PRÊMIOS A CADA SEMANA!



O PAULISTÃO continua cumprindo tudo o que promete aos compradores do seu carnê. Como mostramos todos os meses, continuamos a distribuir prêmios valiosos àqueles que pagam pontualmente suas salidas.



Do fracasso do "English Team" ao desenvolvimento do futebol grego

ALEMANHA UMA RENOVAÇÃO BRILHANTE: BELGICA SURPREENDE NA GRANDE COPA



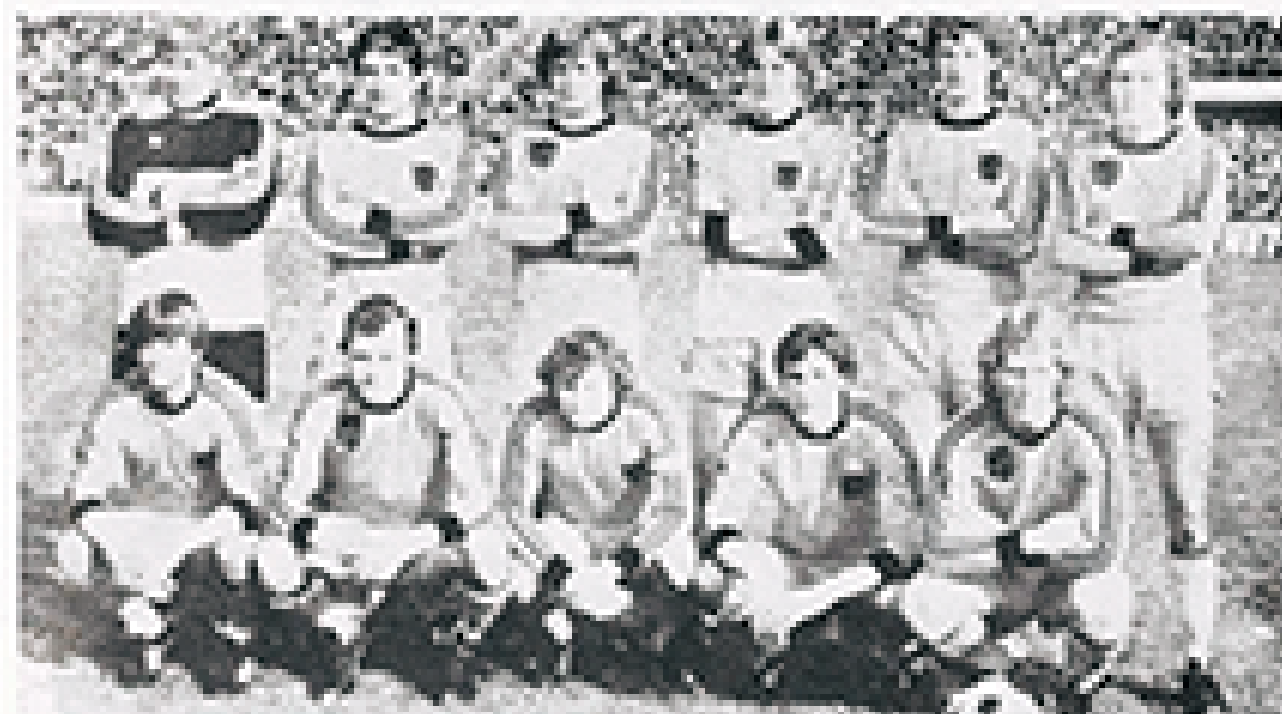
Este é o onze belga que foi a grande surpresa da Copa das Nações, sagrando-se vice campeão do torneio. De pé da esquerda para a direita Ceulemans, Millecamps, Van den Bergh, Geurts, Coeck e Van der Eycken; agachados: Meeuws, Custers, Renquin, Vander Elst e Van Moer

A Copa das Nações, a exemplo da Copa do Mundo, é realizada de quatro em quatro anos, reunindo as melhores equipes da Europa. A disputa obedece todo um sistema de jogos eliminatórios para se apurar os sete finalistas da competição (que conta com oito) pois o seu outro participante é sempre o País promotor. De 11 a 22 de junho último, os europeus viveram dias de intensa expectativa com os oito concorrentes que se apresentaram para disputar o título máximo do Velho Mundo que ficou, em 1976, em poder da Tchecoslováquia. Aliás, os checos disputaram a finalíssima com a Alemanha Ocidental que, após a grande conquista de 74, na Copa do Mundo, começaram a passar por um período de transição em virtude da perda de inúmeros de seus grandes astros. Isso porque Sepp Mayer, o extraordinário arqueiro; Franz Beckenbauer, até hoje no Cosmos, mas com seu retorno ao Hamburgo, inteiramente assegurado; o lateral Vogts, uma figura extraordinária pela direita; Paul Breitner, o excelente lateral esquerdo e figura de destaque do mundial de 74; além de Gerd Müller, o seu «homem-gol», haviam deixado o onze germânico, juntamente com o grande técnico Helmut Schoen, que após o Mundial da Ar-

gentina, passou o bastão para o homem que vinha trabalhando consigo há 4 anos e, conseqüentemente, estava sendo preparado para tal fim.

As eliminatórias, entretanto, apontaram no grupo seis, uma grande surpresa: Grécia. Poucos poderiam imaginar, àquela altura dos acontecimentos que os gregos, evidenciando um acentuado progresso técnico, conseguissem eliminar da competição, duas poderosas seleções: Hungria e União Soviética. Isto, entretanto aconteceu e a Grécia como finalista do grupo seis, candidatou-se ao lado de Inglaterra, vencedora do grupo 1; Bélgica, campeão do grupo 2; Espanha, primeira do grupo 3; Holanda, a melhor do grupo 4; Tchecoslováquia, campeã do 5 e Alemanha Ocidental principal colocada do grupo 7. Todos estes países, juntamente com a Itália, patrocinadora do Europa-80, iriam disputar o título que quatro anos antes, ficara em poder dos checos.

com a presença do brasileiro João Havelange, foi um certame organizado nos mesmos moldes de um torneio mundial. O sorteio dos grupos, as partidas eliminatórias, disputa de terceiro e primeiro lugar, foi feito de maneira pública, na sede da FIFA e todos tive-



Este é o time holandês que não repetiu na Copa da Europa-80, o mesmo e brilhante trabalho das Copas de 74 e 78

ram conhecimento antecipado dos jogos que iriam disputar, em gramados de Roma, Nápoles, Milão e Turim.

No grupo 1, ficaram classificados Alemanha Ocidental, Holanda, Tchecoslováquia e Grécia, enquanto que no grupo 2, lá estavam Inglaterra (uma das grandes favoritas, pelo excelente futebol que vinha praticando nos últimos tempos), Bélgica e Espanha. Esta última mais com o intuito de «medir suas possibilidades» tendo em vista a Copa que irá patrocinar em 1982.

A abertura oficial, levada a efeito em Roma, colocaria frente à frente, Tchecoslováquia e Alemanha, que quatro anos antes, haviam sido os finalistas. Portanto, uma partida de difícil prognóstico. Se isso não bastasse, para colorir ainda mais a disputa, havia no mesmo grupo a Holanda, vice-campeã do mundo em 1974, quando lutou contra a Alemanha e em 1978, tentando chegar ao título máximo na contenda diante da Argentina, em Buenos Aires. De «contra-peso», sem levar muito crédito por parte dos Europeus estava o onze da Grécia. Os germânicos com um excelente futebol chegaram em primeiro lugar e sua partida contra a Holanda, um verdadeiro «tape» do Mundial de 1974, foi deveras empolgante.

Já no grupo 2, diante do poderio até então mostrado pelo «English Team», poucos levavam fé nas possibilidades de Espanha, com um quadro ainda em formação pois o técnico Ladislau Kubala pretende vê-lo «apto a disputar o Mundial de 82», em fins de 81 ou na Itália que, em virtude do escândalo provocado pelo «Totocalcio» (Loteria Esportiva daquele País), não conseguia reunir muitas de suas principais figuras, cuja conduta em gramados da Argentina, fora excelente. A Bélgica, se constituía em «carta fora do baralho».

Futebol, entretanto, como todos sabem e não é preciso repetir, é uma «caixinha de surpresas». No grupo 1 a Alemanha confirmou sua força renovadora e a Tchecoslováquia acabou disputando o terceiro lugar com a Itália, vencendo apenas na cobrança de penalidades máximas. Enquanto isso a surpreendente Bélgica, com um futebol correto, bem aplicado, perfeito sincronismo entre a defesa e o ataque, partia para a disputa do título máximo (que seria a sua



O quadro representativo da Grécia surgiu como a grande «zebra» da Copa, depois de haver eliminado, na disputa inicial os representantes da União Soviética e Hungria, duas poderosas forças do futebol mundial

consagração para o resto do Mundo), contra a Alemanha Ocidental.

Assim, enquanto o «English Team» fracassou tremendamente, deixando bem distante as virtudes mostradas na contenda contra a Argentina, no amistoso sustentando em Wembley e a Itália não conseguir, mesmo incentivada pela torcida, chegar às finais, coube ao surpreendente onze belga defrontar-se com o conjunto teutônico. Na verdade uma Alemanha bastante diferente daquela que temos visto nos últimos anos. A renovação processada no quadro germânico é excelente e, sem dúvida, a sua figura impressionante, além de Rumenigge, é o meia Hans Müller, cujo estilo de jogo em muito se assemelha ao de Rivelino, nos melhores tempos de futebol do meia esquerda brasileiro. A partida final foi trepidante. Embora o gol da Alemanha, que lhe garantiu o título, tenha sido conquistado nos derradeiros instantes da partida, não se pode deixar de reconhecer a conduta brilhante, e digna de aplausos, do quadro da Bélgica. Uma final «grau 10» a revelar uma crescente evolução do futebol alemão aliado a um vigor físico impressionante. Pelo que se viu na Copa das Nações, o quadro germânico é um candidato em potencial ao título a ser disputado em gramados da Espanha, em 1982.



Os italianos, mesmo lutando em casa não conseguiram nem mesmo o terceiro lugar que ficou em poder dos checos, campeões do torneio em 76

MUNDIALITO: O TORNEIO DE OURO



Cada participante do torneio do Uruguai, receberá a cota de 150 mil dólares, livres de despesas de locomoção e estada. O onze do Brasil que vemos ao alto e que realizou uma série de amistosos em junho, não reúne condições de lutar pelo título. Ao alto vemos da esquerda para a direita: Nelinho, Cerezo, Raul, Amaral, Edinho e Pedrinho; agachados: Paulo Isidoro, Batista, Serginho, Sócrates e Zé Sérgio

Para comemorar o cinquentenário do Campeonato Mundial de Futebol, entre Seleções, conseguiu a Associação Uruguaiana de Futebol, a oficialização do «Mundialito», para comemorar as «bodas de ouro» da competição e também, festejar a grande conquista da «Celeste Olimpíada» em 1930. A idéia — feliz em toda a expressão — só não foi bem compreendida pelo «English Team» que alegando compromissos importantes, anteriormente assumidos, e como Campeão do Mundo de 1966, desistiu da competição. Diante disso, a Holanda, duas vezes vice-campeã da competição, nos anos de 1974 e 1978, acabou sendo convidada para participar do certame ao lado de Brasil (três vezes campeão: 58, 62 e 70); Itália (duas vezes vencedora: 34 e 38); Alemanha Ocidental (também com dois títulos em seu favor: 545 e 74; Uruguaiana (dono

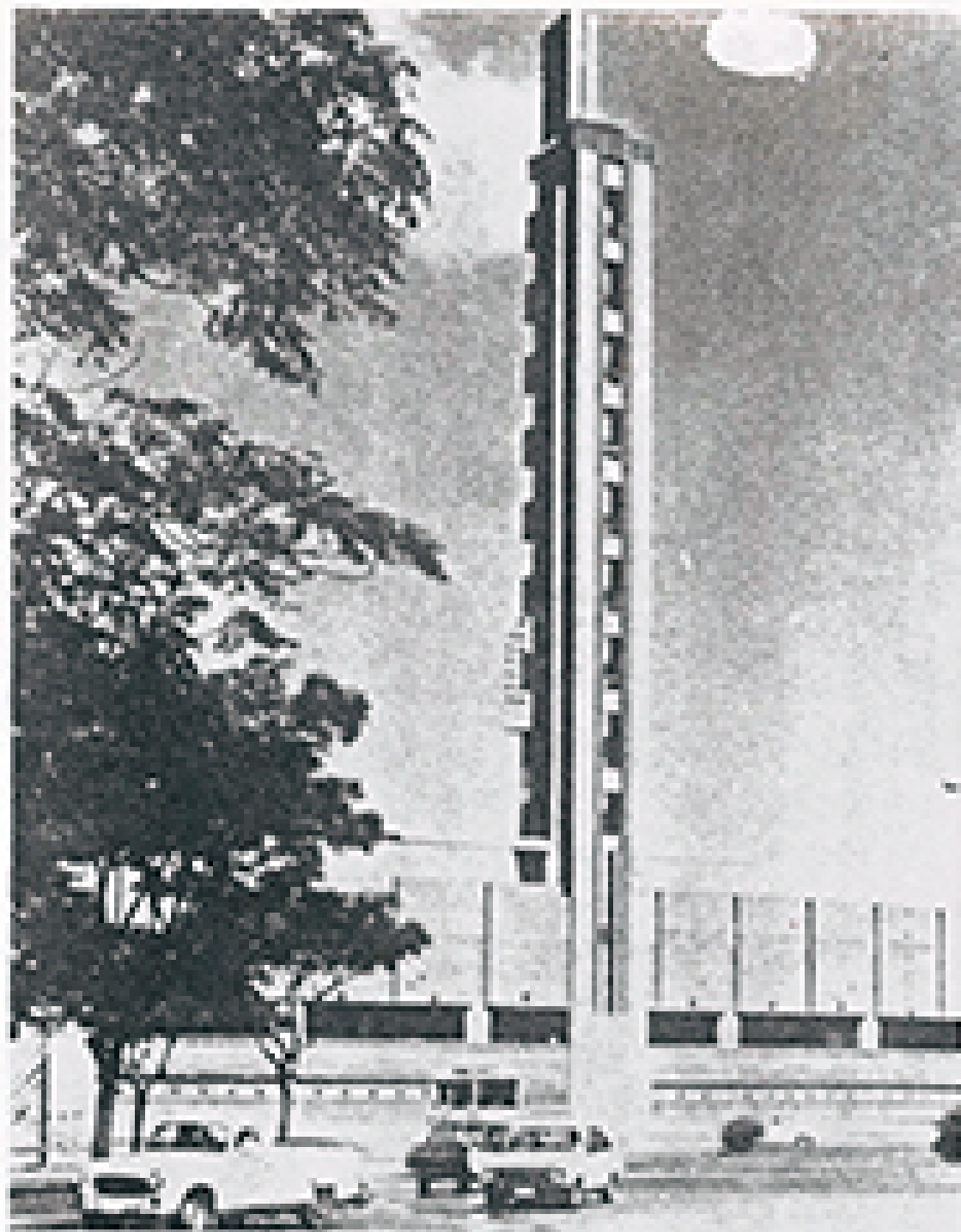
da festa e com duas conquistas em 30 e 50, esta última no Maracanã); Inglaterra, campeã de 66, antes mesmo do fracasso no torneio Europa-80, já havia dito que não viria. Naturalmente, é conhecedora de suas modestas possibilidades num confronto contra as melhores como «mestres», mas sem a intenção de competir com os alunos a não ser... amistosamente e, assim mesmo, em Wembley...

O certame mereceu o maior apoio por parte da FIFA e, inclusive, o sorteio dos grupos foi levado a efeito em Zurique, na sede suntuosa da entidade máxima do futebol mundial. O certame terá curta duração e o seu início está previsto para o penúltimo dia do ano de 1980. Uma época sem dúvida alguma surpreendente, pois será em pleno período de festas de fim-de-ano. O Brasil, depois de alguma relutância

Éis o time da Argentina em que César Luis Menotti confia, para garantir a brilhante campanha cumprida em 1978, quando levantou o cetro mundial



Com o quadro que não conseguiu cumprir o mesmo e destacado papel na Copa das Nações, a Holanda vem representar o «English Team» que desistiu de competir...



A famosa torre do «Estádio Centenário» no Uruguai. Uma praça de esportes cuja entrada é ao rés de chão pois o campo de futebol é bem no fundo

decidiu também prestigiar a competição, mas só realizando o seu primeiro encontro depois de primeiro de janeiro. Isso para permitir que os profissionais passassem as festas natalinas e de fim-de-ano ao lado dos seus.

Dois grupos foram formados. No «A» figuram: Uruguaiana, Holanda e Itália. No «B» alinham-se Argentina, Brasil e Alemanha Ocidental. Se levarmos em conta o futebol que os germânicos mostraram na Copa das Nações aquele que o Brasil e Argentina estão praticando, atualmente, não há nem discussão em torno do mais provável finalista do segundo grupo. No primeiro teremos um representante sul-americano «brigando» contra dois europeus. Acredita-se que por lutar em casa e considerando o valor de seus oponentes que não estão no melhor de sua forma, é possível, que o onze oriental venha a conseguir a classificação. Mas, também, precisa melhorar (e muito) o seu baixo rendimento dos dias atuais.

As partidas programadas para a competição, são as seguintes: Grupo A: 30.12.80 — Uruguai-Holanda: 3.1.81 — Uruguai-Itália e 6.1.81 — Itália-Holanda; Grupo B: 1.1.81 — Argentina-Alemanha Ocidental; 4.1.81 — Brasil-Argentina e 7.1.81: Alemanha Ocidental e Brasil. Os ganhadores dos dois grupos jogarão a partida final no dia 10 de janeiro de 1981.



O Estádio «Centenário» onde serão disputados os jogos do «Mundialito» passou por profundas alterações e terá capacidade para abrigar cem mil pessoas



Itália, bicampeã do mundo (34-38) mas praticando no momento um futebol de modesta qualidade. Isso em virtude da punição aplicada a alguns de seus mais destacados valores que tiveram brilhante conduta em gramados da Argentina. No Europa-80, mesmo em casa, acabou em quarto lugar, perdendo na decisão (por penaltis) para a Tchecoslováquia



Uruguai-80 que espera repetir o feito de seus antepassados. Só que na «Celeste Olímpica» dos dois atuais não existem grandes e tão bons valores



O quadro uruguaio que em 1930 conquistou o primeiro título mundial de futebol. Espera repetir este feito cinquenta anos depois pela terceira vez pois a segunda ocorreu em pleno Maracanã, quando o Brasil inteiro se preparava para comemorar a grande conquista do «melhor futebol do Mundo»...



OS MAIORES ARQUEIROS DO MUNDO



Recentemente a revista ONZE, da França, fez uma reportagem, com o sentido de obter, junto aos quase cinco mil leitores ouvidos, quais os melhores arqueiros do futebol mundial. Muitos foram, sem dúvida, aqueles que se pronunciaram sobre os grandes vultos que conseguiram, em jornadas memoráveis, garantir a invulnerabilidade da sua cidadela. Sepp Mayer, o destacado guardião alemão, que recentemente dependurou as chuteiras, foi um dos cidadãos. O arqueiro que há mais de um ano sofreu grave desastre de automóvel, em junho último realizou sua última partida, defendendo a sua equipe: Bayern de Munique, em amistoso, cujo propósito era apenas de o despedir a sua despedida. Mayer atuou durante vinte minutos e a única e grande preocupação dos atacantes do adversário do Bayern (Valência, da Espanha) foi o de não chegar às redes defendidas pelo mito alemão. Um guardião que fez sua estreia na seleção em 1970. Começou a jogar como profissional no Bayer, em 1958 (nasceu em 28 de fevereiro de 1944) e foi três vezes campeão da Europa: 74, 75 e 76; campeão da Alemanha: 1966, 1967 e 1971. Campeão do Mundo em 74 e duas vezes foi considerado o melhor jogador do ano na Alemanha em 1975 e 1977. Sepp Mayer agora dependurou definitivamente as chuteiras e será relações públicas da Companhia de Aviação «Lufthansas», da qual recebeu a comenda de «Cidadão de Honra», pelos serviços emprestados àquela empresa e também ao seu país.

A relação de excelentes guardiões apresentada pela revista francesa, inclui também o italiano Dino Zoff, defensor do Juventus e da Seleção do seu país, tendo sido aliás, na Copa das Nações um dos grandes vultos da famosa «Squadra Azzurra». Aliás, depois de haver anunciado que havia deixado de ser elemento em condições de defender a equipe do seu País, para muitos foi até uma grata surpresa a presença de Zoff na meta italiana na Copa das Nações.

Também o Saeco Hellstroem, surge na relação, bastante cotado, pois embora esteja atualmente na Alemanha, onde é um dos pontos altos do onze do Kaiserhuten, continua, nos compromissos internacionais da Suécia a defender a meta da Seleção Nacional. Embora Gilmar dos Santos Nenes, ex-arqueiro da equipe brasileira também tivesse sido apontado, a verdade é que um dos maiores guardiões do Mundo, na atualidade, segundo a imprensa francesa é o brasileiro, Emerson Leão. Jogador que surgiu nas fileiras do EC São José, de São José dos Campos e depois transferiu-se para o Comercial, de Ribeirão Preto. Dali veio para o Palmeiras onde chegou à consagração. Defendeu com brilho invulgar a cidadela palmeirense e, no Vasco da Gama para onde se transferiu há pouco mais de dois anos, não foi tão feliz. Agora, apenas com 30 anos, Leão encontra-se no Grêmio e podem ter certeza de uma coisa: apesar de não haver sido convocado por Telê Santana, a torcida ainda o considera o melhor na posição, em todo território brasileiro. Na última capa vemos Sepp Mayer.

DIVERSÃO

UMA PAGINA DE DON OSCAR



- Tenho que chegar rápido à casa, esta noite sai a empregada.
- Vai levar tua mulher ao cinema?
- Não, a empregada.

PENSAMENTO

Modelar uma estátua e dar-lhe vida é belo; modelar uma inteligência e dar-lhe verdade é sublime.

VICTOR HUGO

DESCOBERTAS

Os Cambebas, índios do Amazonas, foram os descobridores da borracha. Com ela fabricam vários utensílios, inclusive bôlbas para carregar água; as «seringas». Os Cambebas, deformavam artificialmente a cabeça, de onde lhes veio o nome que, em tupi, significa «cabeça chata».

A GRAVIDADE foi descoberta em 1683 por Issad Newton, que a apresentou em seus «Princípios Matemáticos de Filosofia Natural». «Os corpos se atraem na razão direta de suas massas e na razão inversa do quadrado da distância que separa seus centros de gravidade».

A locomotiva a vapor foi inventada em 1823 pelo mecânico inglês Jorge Stephenson. Tornou pública sua invenção em 9 de julho de 1824.

O lápis foi inventado em 1565 por Konrad Gessner, que desenhou um estilete com capa de madeira envolvendo a grafita para evitar que as mãos ficassem sujas.

Adágio

A boa fome não há mau pão



- Esse teu amigo é um sujeito cara de pau.
- Lógico. Ele é da ilha da Madeira.

O JOGO DAS SETE DIFERENÇAS





DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ